



Nome: _____

Matrícula: _____ Período: _____

DIA _____ Curso: _____

PROVA TIPO 1 Sala: _____

LIVRO: A Vergonha

AUTOR: Annie Ernaux

1. **Texto de Apoio:**

“Meu pai tentou matar minha mãe num domingo de junho, no começo da tarde. Eu tinha ido à missa das 11h45, como sempre fazia. [...] Na adega mal iluminada, meu pai agarrava minha mãe pelos ombros, ou pelo pescoço. Na outra mão, segurava a pequena foice de cortar lenha.”

A cena inicial do livro marca o ponto de partida da memória de Ernaux. Considerando o papel desse episódio, o evento representa:

- a) um trauma isolado, superado pela autora na vida adulta.
- b) a metáfora de uma sociedade francesa em transformação.
- c) **a origem de um sentimento de vergonha que estrutura a identidade da narradora.**
- d) a ruptura definitiva com a mãe e a infância.
- e) um artifício literário para introduzir o tema da violência doméstica.

2. A “vergonha” da narradora não é apenas pessoal, mas socialmente moldada. Em relação ao gênero, o que essa vergonha revela?

- a) a vergonha funciona como um código coletivo que limita igualmente homens e mulheres em seus comportamentos.
- b) **a vergonha atua de modo assimétrico, pois as mulheres eram cobradas por pureza, recato e obediência, enquanto os homens mantinham liberdade e autoridade.**
- c) a vergonha só se manifesta nas mulheres, nunca nos homens, por causa da diferença biológica.
- d) a vergonha é resultado exclusivo de traumas familiares, sem ligação com valores sociais de gênero.
- e) a vergonha é um sentimento passageiro, incapaz de estruturar a identidade feminina ou masculina.

3. **Texto de apoio:**

“A linguagem não é a verdade. Ela é a nossa forma de existir no universo.” (Paul Auster, epígrafe)

Ernaux abre o livro com essa frase, sugerindo que a escrita não busca a transparência da lembrança, mas o gesto de existir por meio das palavras. Com base nessa epígrafe, pode-se afirmar que, em *A vergonha*, a escrita é entendida como:

- a) um instrumento de disfarce e distorção do real.
- b) uma forma de reconstruir e dar sentido à experiência.
- c) a representação literal da verdade vivida.
- d) uma linguagem emocional sem reflexão racional.
- e) um artifício estético sem função ética.

4. Sobre a relação entre memória e narrativa em *A Vergonha*, é correto afirmar:

- a) a memória é apresentada como uma gravação fiel dos acontecimentos, sem lacunas.
- b) a autora assume que a memória é fragmentada e sujeita às marcas do tempo e da subjetividade.
- c) Ernaux adota uma perspectiva universalista, apagando seu ponto de vista pessoal.
- d) o livro prioriza apenas o presente, sem revisitar o passado da narradora.
- e) a memória aparece como neutra e imparcial, desvinculada da construção literária

5. Na obra *A Vergonha*, Annie Ernaux reflete sobre como a religião, especialmente o catolicismo, ocupava na sua infância uma função formadora e disciplinadora, em substituição a outros capitais culturais e educacionais aos quais sua família não tinha pleno acesso. Considerando essa relação, qual alternativa expressa de forma mais precisa o papel da religião na experiência de Ernaux?

- a) a religião surge como fonte de consolo espiritual, destacando-se pela sua autonomia em relação ao saber e à cultura, funcionando como um espaço paralelo ao ensino formal.
- b) a religião aparece como um dos poucos instrumentos de ascensão cultural, vinculada ao prestígio e à ideia de “boa educação”, compensando a ausência de capital escolar na família.
- c) Ernaux apresenta a religião como elemento exclusivamente repressivo, que impede qualquer possibilidade de formação cultural fora de seus dogmas.
- d) a experiência religiosa é descrita como irrelevante, apenas mais uma prática cotidiana sem maiores implicações na formação de sua visão de mundo.
- e) a religião é retratada como substituto completo do saber, eliminando a necessidade de instrução formal ou de práticas culturais seculares

6. Texto de apoio:

“Quando completo 12 anos, já tenho os primeiros volumes da coleção de Brigitte, de Berthe Bernage [...] Sob a forma de um diário, eles narram a vida de Brigitte: noiva, casada, mãe e avó.” (P. 64)

O fragmento acima, retirado da obra *A Vergonha*, indica os caminhos socialmente esperados para mulheres naquele contexto. Com base na leitura do livro, **analise** como Annie Ernaux articula a moralidade religiosa à socialização feminina. **Justifique** sua resposta citando um trecho da obra que exemplifique essa relação.

GABARITO: Annie Ernaux em *A Vergonha* demonstra que a socialização feminina na França da sua infância estava profundamente marcada pela moralidade religiosa, que orientava tanto o comportamento quanto as expectativas sociais das meninas. A autora mostra que meninas eram educadas para internalizar normas de recato, obediência e cuidado com a reputação, muitas vezes vinculadas a sentimentos de vergonha e culpa.

O trecho citado sobre a coleção de Brigitte evidencia a construção desses caminhos “pré-determinados” para mulheres: ser noiva, esposa, mãe e, depois, avó. Ernaux articula a influência da religião como mecanismo de imposição de papéis sociais, reforçando a ideia de que a vida feminina ideal é moldada por padrões morais e sociais rígidos.

Um **exemplo de citação da obra** que pode ser usada como justificativa:

“Para minha mãe, a religião faz parte de tudo o que é elevado — o saber, a virtude, a moral; a vergonha era a ferramenta que mantinha as meninas nos limites certos” (P.62)

“Brigitte encarna o modelo da verdadeira jovem. Ela é modesta, despreza os bens materiais e vive num mundo em que as pessoas têm uma sala espaçosa e um piano, jogam tênis, vão a exposições, salões de chá, ao parque Bois de Boulogne. Em que os pais nunca brigam.” (P. 64)

7. Texto de apoio:

Na crônica “**Annie Ernaux é literatura?**”, publicada na *Folha de S.Paulo* em 2025, **Tati Bernardi** comenta um debate acalorado nas redes sociais sobre o valor literário da escritora francesa **Annie Ernaux**, vencedora do **Prêmio Nobel de Literatura**. A autora do texto ironiza o preconceito de leitores e críticos que desvalorizam escritores voltados à experiência íntima, emocional e cotidiana. Bernardi lembra que **vários autores hoje consagrados — como Hilda Hilst, Clarice Lispector, Nelson Rodrigues e Marguerite Duras — também foram chamados de “vulgares”, “místicos” ou “históricos”** por desafiarem padrões morais e estéticos. Ao final, conclui que, se essas vozes marginais não forem consideradas literatura, talvez o melhor seja “não ser literatura”.

(Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/columnas/tatibernardi/2025/09/annie-ernaux-e-literatura.shtml>.)

Em *A Vergonha*, Annie Ernaux transforma uma lembrança traumática da infância — o dia em que seu pai tentou matar sua mãe — em narrativa literária. A partir do texto de apoio e da leitura da obra, **explique** de que modo Ernaux converte a experiência pessoal e banalizada em literatura, e por que isso desafia os modelos tradicionais de “grande arte”.

Em *A Vergonha*, Annie Ernaux transforma um acontecimento íntimo — o trauma vivido aos doze anos — em um texto literário que vai além da confissão pessoal. Ao narrar o episódio com um olhar analítico e sociológico, ela transforma a memória

individual em documento coletivo, revelando as marcas de classe, gênero e moralidade de sua época. Assim, sua escrita questiona os critérios elitistas de “grande literatura”, valorizando a experiência comum como fonte legítima de conhecimento e criação estética. Como observa Tati Bernardi, Ernaux representa uma literatura que rompe fronteiras entre o pessoal e o social, o íntimo e o político.